

A pequena coletânea acima (uma antologia bilíngüe polonês-português) faz parte da série *Poetas do mundo*, que a Universidade de Brasília vem publicando com o objetivo de divulgar poetas importantes, mas pouco conhecidos no Brasil, pela inexistência de traduções de suas obras para a língua portuguesa. A iniciativa é louvável principalmente por incluir poetas que escrevem em línguas às quais o leitor brasileiro dificilmente tem acesso como árabe, polonês, sérvio etc.

O poeta polonês Czesław Miłosz, premio Nobel de 1980, nasceu na Lituânia em 1911 e ali viveu até os anos trinta. Um poeta polonês da Lituânia? Como tanto outros intelectuais e artistas seus compatriotas, Miłosz esteve sujeito aos acidentes geopolíticos da história européia. A Polônia, dividida entre os três impérios vizinhos (Rússia, Prússia e Áustria), havia deixado de existir como Estado no final do século XVIII. Ressurge em 1919, com uma parte considerável dos antigos territórios que, por meio de uma aliança firmada com a Lituânia em meados do século XVII, transformara as duas nações num só Estado multilíngüe e multicultural. Dois importantes centros da cultura polonesa no Leste eram Lwów, hoje na Ucrânia, e Vilna, capital da Lituânia, berço de alguns dos mais importantes escritores poloneses, inclusive do poeta do século XIX Adam Mickiewicz, o grande bardo da nação, cujo poema épico-romântico *Pan Tadeusz* (Senhor Tadeu) inicia-se com a invocação: *Litwo, ojczyzno moja!* (Lituânia, minha pátria!) Ao final da Segunda Guerra Mundial as fronteiras da Polônia são deslocadas para o oeste, ficando esses importantes centros culturais poloneses sob domínio da União Soviética.

Os anos de formação de Miłosz se dão em Vilna, onde participa ativamente dos movimentos literários. A Segunda Guerra Mundial o surpreende em Varsóvia, onde passa a colaborar com a Resistência, escrevendo para a imprensa clandestina. No início dos anos cinquenta, é nomeado adido cultural da Polônia na França e em Washington, quando então opta pelo exílio, vivendo primeiramente na França e, em seguida, na Califórnia, onde ganha a vida como professor de literaturas eslavas na Universidade de Berkeley. Só retorna à Polônia nos anos oitenta e à Lituânia (para receber uma condecoração do governo lituano) nos anos noventa. Hoje, com mais de noventa anos, divide seu tempo entre Berkeley e Cracóvia.

Miłosz publicou inúmeros livros de poesia e ensaios, já traduzidos para dezenas de línguas. A pequena antologia lançada pela Editora da UnB nos oferece uma pequena amostragem das diversas fases da sua poesia. São vinte e quatro poemas, colocados em ordem cronológica, o primeiro, de 1935, quando o poeta, ainda jovem, vivia em Vilna,

e o último, bem recente, de 2002. Precede os poemas uma introdução dos tradutores, apresentando a poética de Milosz, seus temas mais importantes e as influências de precursores sobre sua obra. Lembram estes que Milosz é um poeta **do** concreto (não um poeta concreto), isto é, insere-se no grupo daqueles que “entendem o ofício poético como mimese e o praticam numa incessante perseguição do real” (p. 9). A percepção do mundo visível se traduz em imagens sensoriais que buscam apreender o que, afinal, é inapreensível: o real. A poesia, então, é uma forma de ordenar o mundo.

Paradoxalmente, talvez, para um poeta que não gosta de abstrações, os temas de Milosz são profundamente filosóficos (e às vezes teológicos) tratando das grandes questões sobre as quais têm se debruçado filósofos, teólogos, cientistas e poetas: o sentido da vida e da morte, a inexorável passagem do tempo, a origem do cosmos, a consciência humana. Milosz parece dialogar e polemizar com os cientistas e suas teorias pelo pouco que sabem, apesar do extraordinário avanço científico, dessas questões que têm, desde sempre, afligido a humanidade. Temos, portanto, um poeta-profeta do século XX que, a sua maneira, retoma os temas dos grandes poetas do passado como Dante, Milton, Goethe, poetas que pensaram o homem e sua inserção no cosmo.

Como poeta polonês do século XX, Milosz viveu a experiência das guerras, dos autoritarismos e do exílio (destino comum de grande parte dos intelectuais seus conterrâneos), experiências que marcam profundamente sua poesia, refletindo-se em temas como a tensão entre vida e arte: o efêmero e o horrível da vida contrastando com o permanente e o belo da arte. O poeta, no entanto, não glorifica facilmente a arte. O poema “Odczyt” (Preleção), por exemplo, lança algumas farpas amargamente irônicas aos estetas e, sobretudo, à *coterie* que os promove, alheios e insensíveis ao sofrimento humano.

No livro de ensaios *Ziemia Ulro* (*The Land of Ulro*, 1985), Milosz discorre longamente sobre os predecessores que o marcaram: Swedenborg, Blake, Oskar Milosz (o último, poeta francês do início do século XX, seu parente distante), todos poetas profetas, visionários, criadores de cosmogonias. Suas idéias o fascinam, mas não se refletem diretamente na sua produção poética. Poeta do seu século e da sua cultura, Milosz tem os pés bem no chão, o chão minado da Europa Central com suas tragédias sangrentas.

A tradução dos poemas desta pequena antologia está primorosa: os tradutores, ao mesmo tempo em que se mantêm fiéis ao sentido dos poemas em polonês, recriam sonoridades em português que conservam o poético da linguagem. O resultado é que os poemas fluem bem na tradução, mesmo quando lidos em voz alta.

Impossível deixar de notar como o poema em português é, muitas vezes, mais longo do que o original polonês. A língua polonesa, declinada, dispensa a fileira de preposições que ligam palavras e frases no nosso vernáculo; além disso, não contém artigos. Isso a torna mais sintética, o que se pode notar mesmo visualmente na página.

Além dessas características próprias das línguas em questão, a tradução parece carregar, aqui e ali, um tom meio barroco, efeito da escolha de certas palavras e expressões que revelam predileções e idiosincrasias dos tradutores. Os poemas em polonês parecem (ao menos para mim, uma leitora não tão fluente quanto gostaria de ser) vertidos numa linguagem mais direta (na falta de um adjetivo melhor para defini-la). Estas questões em nada prejudicam as traduções. Pelo contrário, Milosz ficou muito bem na roupagem da língua portuguesa e nós, leitores, só temos a agradecer aos tradutores pelo trabalho empreendido.

Regina Przybycien  
Professora Sênior do Curso de  
Pós-Graduação de Letras, UFPR